

Alide denuncia: os ricos só querem subserviência

Da enviada especial

FORTALEZA — “Os países ricos não estão realmente interessados na redução do endividamento dos países pobres, mantendo-os sob dependência, impondo regras e condições de subserviência.” A afirmação foi feita ontem em Fortaleza pelo presidente da Associação Latino-Americana de Instituições Financeiras de Desenvolvimento (Alide), Camillo Calazans de Magalhães, durante a sessão inaugural da XIV Assembleia Geral da entidade.

Segundo Calazans, os países emergentes perderam o controle de seu endividamento, uma vez que prevalecem as taxas flexíveis de juros no mercado internacional. A dívida externa de dez países da América Latina é de aproximadamente US\$ 320 bilhões, e a de responsabilidade do Brasil é de US\$ 92 bilhões. As regras impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) criam uma conjuntura difícil para os países em desenvolvimento, dando como consequência a recessão, o desemprego, com manutenção e agravamento das condições de vida.

O governador do Estado do Ceará, Luiz de Gonzaga Fonseca Mota, presente à cerimônia, afirmou que “urge a formação de um pacto político em que os países devedores atuam através de seus governos em

bloco, negociando em função de suas respectivas capacidades econômicas e do peso geopolítico da nação latino-americana”.

POLÍTICA ESTÁVEL

O aspecto político da questão também foi observado pelo diretor-geral da Nacional Financeira S/A, do México, Gustavo Petricioli. Para ele, a dívida externa dos países latino-americanos deve ser analisada num contexto mais amplo, segundo um enfoque político que não esteja sujeito a flutuações constantes.

Tanto o México como os demais países têm de se empenhar na fixação de ações de efeito permanente e de responsabilidade conjunta, lembrou Petricioli. Os bancos de desenvolvimento devem avançar em termos de modernização e eficiência, utilizando-se de diferentes instrumentos de captação, principalmente em consequência da limitada capacidade, que atualmente impede os países latino-americanos de obter financiamentos externos.

Para o diretor-geral da Nacional Financeira S/A, os bancos de fomento da região precisam ter uma participação mais ativa no fortalecimento do mercado de capital. Conforme suas palavras, torna-se necessário um estreito vínculo entre essas instituições e a administração pública, responsável pela política econômica e social.